O PAPEL DUMA NOVA GERAÇÃO

por JOFRE AMARAL NOGUEIRA

Assiste-se nestes últimos tempos como que ao alvorecer duma consciência de geração em largos sectores da juventude. São demasiado conhecidas as circunstâncias ambientais para que nos detenhamos com demora na localização deste facto; parece-nos mesmo que haveria dificuldades em exprimi-la concretamente e era essa a única forma em verdade útil de fazê-lo. Contudo várias coisas se enredam nesta ascensão geracional e convém analisá-las um pouco se quisermos compreender melhor os vários motivos por que a promessa duma geração se apresenta fecunda em despertar vontades, colher esperanças e apreensões.

Dada a importância que a adolescência toma na génese duma geração podemos começar por fazer (passe o pretenciosismo da frase) a psicossociologia que lhe corresponde. A adolescência é o que sem recelo nomearemos a idade mais literária da vida humana; de certa maneira a poesia desponta com o buço, e a ambição artística vai crescendo a par e passo do desenvolvimento e adaptação do adolescente no homem. É a estação da vida em que proliferam as tertúlias e em que o terreno é fecundo para a sementeira das abstrações ideais e das atitudes estéticas. A adolescência opõe-se ao ventre materno na medida em que o homem social que nela se cria se opõe ao ser individual e gregário que aquele lança na vida. Nela o ser humano ganha muita coisa, perde muita coisa e contudo muito perdura também; e que prevalece como recordação do perdido, o que então se ganhou e outrosim todas as coisas que dela nos ficaram, inikam a sua importância na vida posterior de cada homem. Os poetas têm no sentido bem.

Uma das características psico-somáticas desta idade, a característica dominante nos parece, é o sentimento de solidão; a tendência pronunciada para o ressentimento perante a vida colectiva; um estranho e agressivo mal-entendido entre o jovem e o ambiente; uma tensão de relações no diálogo vivo—que é para ele uma necessidade imperiosa e uma experiência amarga—que o adolescente troca com o mundo circundante. Necessidade tão imperiosa, faltava dizer, quanto o travar amargo deriva na experiência vital e social da sua satisfação incompleta ou insatisfação total. Esta atitude do adolescente persiste muitas vezes nas atitudes do homem

maduro embora neste os factores dessa atitude passem a ser freqüentemente factores sociais; porém, mesmo quando assim seja, tinha sido a adolescência que abriu as portas por onde entrou no indivíduo a acção dos factores sociais. Não é necessário colocarmos no ponto de vista da chamada psicologia do ressentimento para que ressalte com evidência toda a importância desta idade na formação do homem e portanto na vida do literato e no aparecimento das gerações.

Chamamos acima à adolescência a idade mais literária da vida humana e de facto assim acontece: é difícil encontrar um adolescente que não seja pelo menos um poeta. Todavia há naquele um pudor inicial, até certo ponto feminino, em despir a sua intimidade, em mostrar-se tal qual é. Aceitamos em parte a explicação dos intersexualistas que veem em factos idênticos a manifestação duma adolescência feminina que prefacia a especificamente masculina, mas não podemos esquecer outros factores como sejam: a timidez, na parte em que é filha do ressentimento; a auréola de aberração que toma perante o público em geral a vida artística e literária; a transformação deste facto, como do ressentimento, em vigor combativo na vida literária e na vida colectiva. É fundamentalmente este último aspecto naquilo em que o facto nos interessa: o papel desta «sublimação» da timidez na sua união com o chamado instinto combativo. Certamente, é necessário não o esquecer, a timidez persiste ao ser sublimada, mas doutra forma e com uma importância um pouco diversa. A unidade que isto estabelece com o que dissemos sobre o ressentimento é intuitiva, não vale a pena, por isso, insistirmos.

O jovem encontra-se perante duas experiências, sendo uma a sua própria e outra a que foi exprimida literariamente pelas gerações que o antecederam. A análise retrospectiva de todos nós diz-nos com clareza que uma coisa é viver os acontecimentos e outra coisa muito diferente é ouvi-los contar ou ler o seu relato; mesmo colocando-nos no ponto de vista artístico em que ao lado dos acontecimentos temos de colocar o trabalho artístico de interpretação e expressão—o fenómeno Arte quer seja técnico quer seja psíquico—a análise de que falámos não é desmentida. A arte das gerações que o antecederam vale para o jovem

através da sua própria experiência das coisas e da sua cultura; o seu critério é mais ingénua que o do homem feito; mais ingénua naquilo que constitui a vivência do homem feito, mas menos naquilo em que as circunstâncias modificaram e constituíram a parte original da vivência do jovem. Acrescentamos aqui a evolução da colectividade, a transformação da vida concreta de cada indivíduo e do sentido que para ele tem a vida, e estaremos habilitados a compreender a incompreensão artística, cultural, social entre os jovens duma época e os homens maduros duma outra época. O facto de todos se exprimirem com as mesmas palavras, com formas artísticas idênticas (certas vezes) não destrói essa incompreensão, torna-a confusa; por outro lado a identidade de expressão é apenas superficial, cada época tem as suas alegorias retóricas ou literárias características, cada época entrega às palavras o seu feitício próprio, a linguagem não se mantém constante. Podemos falar em vários casos, por exemplo no caso dos poetas modernistas, dum *dialecto* artístico que lhes é peculiar. É óbvio que qualquer coisa persiste através das diversas modificações—mesmo as modificações de facto importantes são aquelas que derivam das transformações sociais,—mas aquilo que persiste não é uma fantasia é uma realidade, portanto qualquer coisa que não é duas vezes idêntica a si próprio, que tem sempre valores diferentes, que toma características diversas.

Tudo isto junto, combinando-se de diferentes maneiras, ajuda-nos a compor um esboço das condições e dos motivos que definem para o caso geral as probabilidades internas da juventude para tornar-se positiva. Sentimento de solidão, timidez e ressentimento, incompreensão entre os homens nascentes e os homens feitos, tudo pode servir, de facto, para estrume duma revolta constructiva e duma obra de geração. Negar o mundo existente pode ser uma atitude fecunda, basta para isso que ele seja negado no plano real, pela realidade construída ou começada do mundo novo que negue o mundo velho. Mas a atitude resultada das características adolescentes pode ser também o isolamento no preciosismo estético ou cultural, no cepticismo dileitante. Demais se a vida teórica pode em algum tempo ser considerada

um heroísmo, um desdém pela vida dos prazeres, nos dias de hoje as coisas acontecem completamente ao contrário...

Urge portanto tratar duma outra série de coisas que vêm juntar-se a estas na formação das gerações: os movimentos literários, mentais e políticos. Por razões evidentes trataremos apenas dos movimentos literários e mentais.

Na nossa opinião uma das condições de vida destes está numa deformação permanente das realidades que querem exprimir em virtude das exigências próprias das ideologias. Uma ideologia traz sempre uma objectivação duma realidade colectiva importante: o sentido realizador do grupo humano em que ela se formou e cuja actuação ela define. O mesmo é dizer que uma ideologia qualquer é antes de tudo uma visão subjectiva das coisas em que aquilo que realmente existe é visionado sob o ângulo daquilo que, na opinião do grupo humano que encara as coisas, deveria existir. A missão histórica duma ideologia é o referencia! por onde se medem as realidades. Mas não exageremos este aspecto subjectivo, uma ideologia só poderá efectivar-se até o ponto em que não fizer das realidades uma miragem fantasista; é indispensável que a visão do mundo tenha sido objectiva para que a ideologia possa actuar; o subjectivismo tende sempre, e isso realiza-se no grupo humano mais moderno, para tornar-se apenas aquela parte de realidade que está nas suas necessidades históricas antes de passar à realidade objectiva do dia seguinte. (1) Quando o subjectivismo ideológico dum grupo humano não é realizável, ele tende para a mistificação das realidades, para mitologias artísticas, culturais e políticas em que a ideologia actua como estupefaciente.

Há em cada arte uma concepção especial da realidade, uma deformação desta mais ou menos determinada pelas circunstâncias em que vive o artista, pela finalidade que ele põe na sua obra; deformação mais ou menos individualizada por ele, mais ou menos consciencializada e intelectualizada. A deformação artística é feita por processos *sui generis* em que temos que contar as «sublimações» di-

(1) Chamamos para isto a atenção dos que leram o prefácio dum livro conhecido de Sidney Hook. A opinião aí dada pelo autor falta um pouco a visão dialéctica do problema.

versas, as variadas superações de conflitos psicológicos e sociais na sua expressão artística, as características próprias do estilo artístico e da densidade emotiva que funde as realidades objectivas, as realidades da experiência do artista, as suas realidades psíquicas, a sua ideologia vaga ou concreta e definida. Apesar disso cada conjunto de circunstâncias sociais relativamente independentes, ao ser interpretada artisticamente, marca momentos diversos no plano cultural. O conhecimento das realidades humanas, sejam elas individuais ou colectivas e evolutivas, faz-se sempre em parte sob facetas diferentes e noutra parte sob facetas relacionadas entre si. É na verdade por aquilo em que as facetas são independentes que a visão do artista evidencia e facilita a compreensão mais completa de certos factos, de certos aspectos do todo humano. Mas a arte não é só interpretação peculiar e necessidade de materialização, o seu aspecto invocativo não a caracteriza menos. Interpretando, agindo pela sua expressão estética e emocional, invocando, o artista realiza um trabalho entre os homens que não pode valer apenas para si, mas que vale para a parte da colectividade que com ele se identifica e portanto para toda a colectividade.

A cada momento histórico característico, ao jogo especial das suas ideologias, ao complexo das paixões e das preocupações que nessa altura agitam os homens, correspondem visões artísticas diferentes que são por um lado consequências de realidades diversas e são por outro lado deformações, interiorização psíquica do dinamismo colectivo dessas realidades. Nessa interiorização se manifesta a personalidade do artista e a luta das concepções do mundo, do grupo humano a que o artista pertence, contra umas realidades e por outras realidades. Uma ideia, um sentimento, uma emoção, não valem em arte só pela sua gestação na psique do artista—essa nem ele ao certo sabe como se passou, a medida em que a revelou e a medida em que a traçou—mas valem sobretudo pela nova série de representações emocionais e abstratas (socialmente actantes) em que se dão ao público.

No movimento artístico que levantou o pendão da «Arte pela Arte», por exemplo, está indelevelmente implícito o individualismo egoísta da demo-

cracia burguesa; o pretensão apoliticismo da arte pela arte não é mais do que o eco artístico do pretensão apoliticismo da escola laica. Se já de si, e por mais individual que seja, o fenómeno artístico é um fenómeno social (e sê-lo-há pelo menos na medida em que o indivíduo é um ser social); também o é, e não menos, como comunicação dum indivíduo com outros, com o estado emocional colectivo; e ainda o é, finalmente, nas relações recíprocas que mantém com as ideologias, com as psicoses, com o *tonus* afectivo e cultural da sua época.

Cada movimento literário representa um conhecimento particular da realidade humana, mostra-nos graças à sua unilateralidade um aprofundamento dum aspecto da vida que a visão de conjunto tardaria em dar-nos; aumentando a experiência humana aumenta o número de homens concretos que amadurecem e dão conteúdo à abstracção Ho-

mem. Assim: opondo-se, lutando entre si, superando-se, os movimentos literários vão fazendo um conhecimento progressivo e totalizador do homem, não dando o homem ao homem, integrando-o em si próprio—e isto representa no plano artístico o que é no plano real a colectivação do indivíduo.

Ora uma das características da sociedade liberal era exactamente o culto mistificador do indivíduo. Julgando-se a expressão final, no campo colectivo, das possibilidades humanas, julgando-se mais do que a sociedade ideal—a sociedade *natural*, ela julgou-se susceptível apenas de ligeiros retoques e abandonou ao indivíduo isolado (aparentemente para todos, realmente só para alguns) o único progresso que lhe parecia possível: o individual. Daqui a importância tomada pela educação, pelo pensamento, pela arte, como coisas individuais: a educação pela educação, o

pensamento pelo pensamento, a arte pela arte. É a época dos *cleres* e é a época também das gerações que nascem da crítica acerba aos costumes do seu tempo, mas que amadurecem pela tração lenta ou rápida às suas posições juvenis. Confunde-se a comodidade de certas posições teóricas com a sua «eternidade». É o caso, a pesar de tudo e por mais trágico que seja, dum Antero, dum Oliveira Martins, da ironia dum Eça e do isolamento dum Herculano. É, finalmente, a época das gerações literárias.

Até que ponto os factores de que falámos se congregam para a génese duma geração? Pode tratar-se hoje duma geração puramente literária pela simbiose dos caracteres da adolescência e duma moda literária qualquer? Poderá tratar-se dum excedimento do mal-entendido entre o jovem e o mundo pela aristocratização da sua vida mental? Poderá tratar-se duma «verdura» da juventude sobre a qual esta vá amadurecendo, pelo exercício da renúncia, as atitudes «eternas» do homem? Temos de lembrar o que começámos por dizer: «São demasiado conhecidas as circunstâncias ambientais para que nos detenhamos com demora na localização deste facto; parece-nos mesmo que haveria dificuldades em exprimi-la concretamente e era essa a única forma em verdade útil de fazê-lo».

A nova geração só pode realmente sê-lo se colocar de parte as concepções estáticas do mundo liberal, se perder a ilusão reaccionária das coisas em si e por si; se for capaz de transformar a grande parte da sua subjectividade em objectividade do dia seguinte, de fazer uma negação concreta e fecunda do mundo em que vive; se o seu trabalho histórico—e é só o trabalho histórico que define uma geração—não for uma renúncia, a comodidade das «verduras» traídas, mas for uma obra positiva, um alcecece novo na vida humana. A sua arte só pode ser a arte útil, a arte que cria humanidade, que ajuda a fazer *qualquer coisa*, não a arte que forma vultos literários, personalidades decorativas. A não ser assim não poderemos falar duma nova geração pois a juventude de hoje confundir-se-á com o mundo cuja missão histórica criadora já se cou. Só poderemos constituir uma geração *nova* na medida em que formos pelo mundo que tem tudo para ganhar contra o mundo que tem tudo para perder.

Dia de Limpeza

Não, não te lastimes de um dia me perderes...

«O que lá vai, lá vai»...
É um bom ditado decorado pelo povo.

Não penses mais naquilo que nos ligou e depois nos separou.

Considera-me a chama duma fogueira que apenas bufa nas cinzas...

Atira-me de cabeça para baixo (não tenhas dó!) para o poço do teu esquecimento, sem respeito por mim, sem respeito por ninguém, sem respeito pelas gentes da história do outro Sem.

Não quero ser para ti como um fantasma passeante das ameias do castelo.

Rasga-me no teu pensamento e atira-me aos pedaços pela janela fora!...

FERNANDO NAMORA